

OUT OF AFRICA / 1985

África Minha

Um filme de Sydney Pollack

Realização: Sydney Pollack / **Argumento:** Kurt Luedtke, segundo “Out of Africa” de Karen Blixen, “Biografia de Karen Blixen” de Judith Thurman, “Silence, we speak” de Errol Trzebinski / **Fotografia:** David Watkin / **Cenários:** Stephen Grimes / **Montagem:** Fredric Steinkamp, William Steinkamp, Pembroke Herring, Sheldon Kahn / **Música:** John Barry / **Som:** Peter Handford / **Interpretação:** Meryl Streep (Karen “Tanne” Dinesen), Robert Redford (Denys Finch-Hatton), Klaus-Maria Brandauer (Bror von Blixen), Michael Kitchen (Berkeley Core).

Produção: Mirage Enterprises para a Universal / **Co-produtor:** Terry Clegg / **Produtor executivo:** Kim Jorgensen / **Cópia:** em 35mm, Technovision, colorida por Technicolor, versão original legendada em português / **Duração:** 160 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinemas Alfa 1 (Lisboa), Amoreiras 1 (Lisboa), S. Jorge 1 (Lisboa), Foco (Porto), S. João (Porto), a 28 de Fevereiro de 1986.

O projecto duma adaptação das memórias de Karen Blixen (cuja obra começou a ser traduzida entre nós graças ao sucesso da sua adaptação ao cinema) já era antigo e chegou mesmo a interessar (dizem, mas não tenho neste momento qualquer garantia da sua veracidade) Orson Welles, além de David Lean (o seu **A Passage to India** não anda longe), e também Nicholas Roegg que pensara em Julie Christie e Ryan O’Neal para protagonistas. A primeira aproximação de Pollack foi ainda durante as filmagens de **Tootsie** quando leu um primeiro esboço de argumento de Luedtke que com ele colaborara em **Absence of Malice**. Numa entrevista Pollack afirmou que o que o atraiu na história era a parábola da vida da escritora dinamarquesa: “Um grande arco que, do apogeu da felicidade num lugar paradisíaco com o homem mais apto a partilhar da sua vida, leva-a à perda de tudo e, apesar de tudo, a sentir-se mais forte.” **Out of Africa** pretende dar-nos, pois, o período da vida em que a escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962) tudo teve e tudo perdeu, durante a sua experiência africana nos montes do Quénia. Karen Blixen iria “out of Africa” em 1931, onde vivia desde 1914 dirigindo uma plantação de café com o marido, o barão Blixen-Finecke (de quem se divorciou em 1922). Retomaria depois, na Dinamarca, a sua carreira literária (publicara em 1907 uma colectânea de contos com o pseudónimo de Osceola), publicando em 1934 o livro de memórias da sua experiência africana que está na base do filme de Pollack, com o pseudónimo de Isak Dinesen. Seguiu-se, em 1942, os “Contos de Inverno” que, como o anterior, se encontra traduzido entre nós.

Para a adaptação cinematográfica, Pollack recorreu ao seu velho companheiro de filmes: Robert Redford (entre outros trabalharam juntos em **Jeremiah Johnson**, **The Way we Were**, **Three Days of the Condor** e **The Electric Horseman**) regressado há pouco tempo à actividade após um interregno de cerca de quatro anos a partir do seu triunfo na estreia como realizador em **Ordinary People**. Para a figura de Karen Blixen, Pollack hesitou durante certo tempo, decidindo-se por Meryl Streep após tomar em conta a popularidade cada vez maior da revelação de **The French Lieutenant’s Woman**. A campanha de lançamento destacou vários pormenores: a presença de duas super-estrelas, os cinco

meses de filmagens em exteriores no Quénia, os dois anos de preparação e as centenas de figurantes. Bem preparada a campanha, a que se juntava sempre a referência ao estrondoso sucesso que constituíra o filme anterior de Pollack, **Tootsie**, deu os seus frutos. **Out of Africa** tornou-se rapidamente um campeão de bilheteira com os seus 50 milhões de dólares durante o lançamento no Natal de 1985.

Pessoalmente, houve uma coisa que me impressionou nas referências da promoção do filme para a imprensa. Para além do que atrás se disse, apontava-se para o facto de terem sido enviados leões especialmente para a aparição no filme, de avião, da Califórnia para o Quénia, para reforçarem a debilitada fauna do país. Isto num filme que, para além das suas qualidades formais, surge como uma subtil memória saudosa do colonialismo. O caso de **Out of Africa** não é único. Outros filmes do mesmo tempo retomaram o mesmo tema e da mesma maneira. E quase todos com o beneplácito da Academia: **Gandhi, A Passage to India**, entre outros. Não deixa portanto de ser curioso que um filme que involuntariamente (?) vai contra essa corrente: **Color Purple** de Spielberg (e tem-se passado demasiado ao de leve sobre as suas sequências africanas) tenha sido totalmente relegado para segundo plano face ao filme de Pollack.

Out of Africa divide-se distintamente em duas partes: a primeira que se poderia entender como uma relação física com a terra, onde Karen descobre a luta, o sacrifício, a doença que sendo um mal é também uma fase da sua purificação. É interessante verificar que as relações de Karen com Bror são reduzidas ao mínimo e não fosse o caso da sífilis nada indicaria para que entre eles houvesse qualquer relação sexual. A relação, como já disse, é apenas com a terra no seu lento trabalho de transformação onde a cada momento “sempre que se vira as costas tudo parece voltar ao estado selvagem”. E essa maturação, essa lenta adaptação do corpo de Karen a África é o que provoca a atracção de Denys. Karen passa a ser como o Quénia objecto de paixão para Denys. Mas numa relação física em que cada um tem a sua independência. O olhar de Denys é o do aventureiro romântico, aquele que nada exige em troca, opondo-se ao olhar de posse que caracteriza os restantes brancos da colónia. A segunda parte é também uma relação física, a da descoberta mútua de Karen e Denys. O filme muda então, de registo, tornando-se excessivo no maneirismo e no virtuosismo técnico que esconde a debilidade estrutural. É notória a insistência nas tomadas de vista aérea de Peter Allwork bonitas de ver mas cansativas por lhes faltar um suporte dramático. Sabe-se que o que afastou alguns realizadores do argumento de **Out of Africa** foi o seu vazio singular. É difícil fazer um filme sobre o vazio, mas é possível. O que já é mais difícil, mesmo para um realizador hábil como Pollack, é preencher o vazio. O êxito de **Out of Africa** tem mais a ver com um clima de romantismo vagamente doentio que contagiou o cinema da época.

Bonito de ver, sem dúvida, mas onde o fastio se instala depressa, sentindo-se o excesso das longas panorâmicas, da insistência na paisagem e de certos efeitos gratuitos. Só no final, a partir do discurso de Karen no funeral de Denys se sente uma verdadeira força romântica, sinal do que poderia ter sido um grande filme mas se ficou num filme “bonito”.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico